

## **A INTERSECÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA COM EDUCAÇÃO DO CAMPO: uma revisão integrativa**

**MARTA CRISTINA RODRIGUES PEREIRA**  
Universidade do Estado da Bahia /UNEB

**EDNA SOUZA MOREIRA**  
Universidade do Estado da Bahia/ UNEB-PPGELS

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo identificar no cenário atual, a intersecção entre a Educação de Jovens e Adultos-EJA e a Educação do Campo em contextos rurais, através de uma revisão integrativa da literatura, descritiva, de aspecto qualitativo. Pretende-se neste trabalho evidenciar as especificidades da EJA, destacando como suas características são consideradas nos estudos que discorrem sobre sua oferta no âmbito da Educação do Campo. Destarte, a educação no campo e a EJA têm desempenhado um papel importante no desenvolvimento das comunidades rurais. Na medida em que procura estabelecer as concepções e significados envolvidos no debate teórico em torno da Educação de Jovens e Adultos e da Educação do Campo, modalidades do ensino fundamental e médio, que possibilitam oportunidades para muitas pessoas que não tiveram acesso à escola no momento devido, para jovens e adultos iniciar e/ou dar continuidade aos seus estudos. A Educação de Campo, é ressaltada neste estudo como um fenômeno da realidade brasileira atual, liderada pelos trabalhadores que atuam no campo e organizações que visam influenciar as políticas educacionais em benefício social das comunidades camponesas. As pesquisas apresentam uma significativa contribuição das matrizes epistemológicas e práxis da Educação Popular nas experiências educativas, tanto da educação de Jovens e Adultos quanto da Educação do Campo, no tocante à ação-reflexão de uma educação para a compreensão da realidade e da emancipação dos sujeitos

3382

**Palavras-chave:** Educação no Campo. Educação de Jovens e Adultos. Conhecimento.

### **Abstract**

This article aims to identify, in the current scenario, the intersection between EJA and Rural Education in rural contexts, through an integrative, descriptive, qualitative literature review. The aim here is to highlight the specificities of EJA, highlighting how its characteristics are considered in studies that discuss its offer within the scope of Rural Education. Thus, rural education and EJA have played an important role in the development of rural communities. As it seeks to establish the conceptions and meanings involved in the theoretical debate surrounding Youth and Adult Education and Rural Education, types of primary and secondary education, which provide opportunities for many people who did not have access to school at the time due to, for young people and adults to start and/or continue their studies. Field Education is highlighted in this study as a phenomenon of the current Brazilian reality, led by workers who work in the field and organizations that aim to influence educational policies for the social benefit of peasant communities. The research presents a significant contribution from epistemological and praxis matrices. of Popular Education in educational experiences, both in Youth and Adult education and in Rural Education, regarding the action-reflection of an education for understanding reality and the emancipation of subjects

**Keywords:** Education in the countryside. Youth and adult education. Knowledge.

### **Introdução**

**Seminário Gepraxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 20, p. 3382 - 3395, maio, 2024.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a Educação do Campo são duas vertentes pedagógicas que, embora distintas, convergem quando se tratam de desafios e especificidades. Esta convergência é intensificada nos contextos rurais, onde as demandas educacionais e socioculturais se entrelaçam de maneira complexa, ressaltando a necessidade de uma abordagem pedagógica que considere as peculiaridades do ambiente e da população (Rodrigues & De Vasconcelos Bentes, 2018). A EJA, tradicionalmente voltada para uma população que, por diversas razões, não teve acesso ou continuidade nos estudos em idade regular, encontra na Educação do Campo uma arena onde os desafios de alfabetização e formação são potencializados por fatores como distâncias geográficas, condições socioeconômicas e culturais, e até mesmo o descompasso entre os métodos pedagógicos tradicionais e as realidades vivenciadas pelos estudantes (Dotta & Silva, 2015).

No entanto, é precisamente essa intersecção que torna imperativo estudar a EJA no contexto da Educação do Campo. A relevância dessa temática não se limita apenas à identificação de desafios; ela se estende à busca por práticas pedagógicas que sejam verdadeiramente inclusivas e sustentáveis, fundamentadas no respeito à identidade cultural e às necessidades específicas dos alunos (Feliciano, de Mello & Pereira, 2011).

Ao considerar a importância dessas práticas pedagógicas, torna-se evidente que a Educação do Campo não pode ser compreendida simplesmente como uma "educação rural". Como Freitas (2011) e Carvalho (2006) destacam, trata-se de um movimento que busca reconhecimento, valorização e respeito pela diversidade e pluralidade cultural dos povos do campo, floresta e águas. As políticas públicas, muitas vezes não refletem a complexidade e as necessidades desses grupos, resultando em lacunas que afetam diretamente o direito à educação (de Oliveira & Barbosa Filho, 2011).

Ademais, a experiência profissional no contexto da EJA e da Educação do Campo é marcada por uma série de desafios, desde o planejamento de currículos até a execução de práticas pedagógicas que respeitem os saberes locais e promovam a inclusão (Ariosi & Miguel, 2016).

Nesse contexto, é imprescindível reconhecer o papel da Educação Popular, especialmente quando se trata da interação entre a EJA e a Educação do Campo. De Araújo, dos Santos & Ruiz (2020) refletem sobre essa perspectiva, apontando que a educação popular tem potencial para oferecer uma abordagem pedagógica mais alinhada às realidades dos estudantes, promovendo uma educação verdadeiramente emancipatória.

**Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 20, p. 3382 - 3395, maio, 2024.

A EJA enfrenta uma demanda de mercado por educação formal que contribua para a formação de indivíduos adaptáveis, disciplinadas e produtivas. Portanto, os professores envolvidos na EJA passam a ter uma responsabilidade maior, pois são muitos os desafios para formar indivíduo de acordo com a nova lógica de mercado, que exige cada vez mais uma formação profissional com conhecimentos e habilidades em múltiplos idiomas. Sobretudo, porque, a despeito das demandas exigidas pelo mercado de trabalho, têm ainda as demandas necessárias à formação do sujeito social.

Os direitos conquistados na lei, por meio das lutas dos movimentos sociais e comunidade científica em prol da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação do Campo (EC), sofrem os impactos dos avanços das tendências neoliberais sobre as políticas educacionais, e especificamente nas políticas para a formação de professores, que impõe uma valorização nos currículos para formação docente a eficiência, da produtividade em detrimento da emancipação, formação humana e reflexão. Priorizando assim, uma formação voltada para a preparação de mão de obra para o mercado de trabalho.

Seguindo essa lógica, pode-se destacar, que ela acaba tornando o currículo e as pedagogias rígidas, conservadoras, e em razão disso, mais distantes dos coletivos populares. Assim para caminhar pela perspectiva contra hegemônica, que emancipa as classes trabalhadoras, os professores(as) que atuam junto a EJA e a EC, precisam compreender as especificidades que envolvem essas educações, para tanto sua formação precisam ser vinculada com essa perspectiva; ter conhecimento das particularidades e singularidades que envolvem os alunos e suas vidas de forma que possam alinhar com a totalidade conjuntural que determina as políticas educativas, que lhes proporcionem compreender as especificidades desta educação, destinada a homens e mulheres analfabetos(as) ou com trajetórias escolares descontínuas.

De acordo com o IBGE (2024) 9,3 milhões de brasileiros ainda são analfabetos, a grande maioria com mais de 40 anos. O Brasil tem 46% da população sem escolaridade básica completa, onde o Nordeste, ainda é a região que tem mais pessoas analfabetas proporcionalmente.

É possível analisar através desta pesquisa do IBGE outros dados em relação a faixa etária, onde mostram uma queda acentuada no número de jovens no Brasil. Entre as pessoas de 15 a 17 anos, apenas 50 mil pessoas não sabem ler nem escrever, o que reflete a popularização da educação básica. Contudo, o grande número de analfabetos com mais de 40 anos ainda reflete um problema na política de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

**Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 20, p. 3382 - 3395, maio, 2024.

O EJA no campo, visa proporcionar certificação de ensino primário combinada com qualificação social em agricultura e prática profissional a jovens, adultos e idosos agricultores familiares, assentados da reforma agrária e comunidades tradicionais foragidos. Desta forma, surge a problemática: qual a importância da educação de jovens e adultos no e do campo?

Assim surge o objetivo geral deste trabalho: identificar a intersecção entre a EJA e a Educação do Campo em contextos rurais. Destarte justifica-se a realização deste trabalho, pois apresenta reflexões acerca da formação dos professores que atuam em um espaço onde se concentra dois modelos de educação que carregam em si o papel de justiça social, portanto, os educadores envolvidos nesses processos de ensino, precisam receber uma formação que os possibilite compreender acerca da valorização das experiências e a carga cultural dos educandos, bem como, a cultura e os modos de convivência do contexto em que a escola está inserida.

A metodologia abordada trata-se de uma revisão integrativa da literatura, descritiva, de aspecto qualitativo, método que oferece, como resultado, a situação atual acerca do conhecimento sobre o tema investigado.

## **Educação de Jovens e Adultos**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da educação básica brasileira para jovens e adultos que não tiveram oportunidades ou foram insuficientes para receber educação na idade apropriada e não conseguiram alfabetizar-se e adquirir os conhecimentos básicos necessários (Junior; Constantino, 2020), tem como objetivo preparar os cidadãos para ingressar no mercado de trabalho, além de trabalhar para reduzir o índice de analfabetismo no Brasil.

As causas do analfabetismo no Brasil são variadas, a pesquisa realizada pelo IBGE (2024) mostrou que os brasileiros de 15 a 29 anos abandonaram a escola por motivos de trabalho (45%), falta de interesse (23%) e tarefas domésticas ou de cuidados (15%). No entanto, esta última razão difere significativamente entre homens e mulheres. Menos de 1% dos homens abandonam a sala de aula para assumir trabalhos não remunerados, enquanto 36% das mulheres dão esse motivo – inclusive foi tema de matéria do Enem de 2023.

Esses dados mostram a importância e a urgência pela educação, um processo que leva à aprendizagem, à democracia e à cidadania, caminho seguro, eficaz e duradouro para o desenvolvimento social de qualquer país, sendo as escolas as principais interlocutoras na

**Seminário Gepraxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 20, p. 3382 - 3395, maio, 2024.

garantia dos direitos sociais previstos na Constituição Federal, porém este direito agrava a insatisfação social.

Compreender o perfil dos alunos da EJA requer compreender sua história, cultura e costumes, compreendendo-os como sujeitos com experiências de vida distintas e como pessoas que abandonaram a escola em algum momento por fatores sociais, econômicos, políticos e/ou culturais.

Os alunos da EJA que frequentam escolas públicas são, em sua maioria, jovens, idosos, pessoas com deficiência ou portadores de necessidades especiais, donas de casa, adolescentes em geral, puérperas precoces ou seja, são um grupo de pessoas com diferentes culturas, crenças, raças e religiões, trabalhadores formais ou informais, desempregados em busca de trabalho, , adolescentes que interromperam os estudos que procuram EJA com a finalidade de ler e escrever ,para conseguir um emprego melhor e mais digno, através da educação (Simões; Rocha, 2023)

As escolas não devem esquecer que os jovens e adultos analfabetos são essencialmente trabalhadores, por vezes subempregados ou mesmo desempregados, e têm necessidades. Assim, no quadro do ajustamento global, o campo educativo desde o ensino básico até à pós-graduação está orientado para conceitos produtivistas, cujo papel é o desenvolvimento de conhecimentos e competências, valores e atitudes, bem como a gestão da qualidade definida pelo mercado de trabalho (Simões; Rocha, 2023)

O objetivo é construir um conjunto de competências em cada indivíduo para garantir a empregabilidade. Os alunos trabalhadores muitas vezes chegam tarde à escola, cansados, com sono e querem sair mais cedo da aula, geralmente durante o horário escolar, pois tendem a aparecer apenas quando há atividades, trabalhos ou provas, que exigem nota para aprovação (Bicalho; Neto; Oliveira, 2023)

No entanto, muitos alunos abandonam a escola porque não acreditam que conseguirão obter formação, porque encontram obstáculos no seu percurso escolar. Muitos estão cansados e simplesmente optam por trabalhar porque têm família e precisam de segurança. Por outro lado, muitos deles trabalham em empregos pouco saudáveis e fisicamente exigentes e estar demasiado cansados para ir à escola à noite torna-lhes um problema muito difícil a adaptação ao trabalho e à escola. Visto isto, é de fundamental importância refletir formas diferentes e adequadas de implementação de métodos educativos, sendo necessário interpretar as realidades e experiências dos alunos à medida que possuem conhecimentos prévios, principalmente dos

**Seminário Gepraxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 20, p. 3382 - 3395, maio, 2024.

adultos e idosos à medida que vivem mais.

A equidade na qualidade educativa não pode ser alcançada através da homogeneização dos sistemas escolares, mas sim através do estabelecimento de práticas escolares, modelos e modelos de gestão a nível local que permitam a incorporação de necessidades desiguais e os esforços devem ser feitos para resolver estes problemas em o processo de educação escolar para alcançar a equidade na qualidade da educação de maneira ordenada, garantindo a aquisição de conhecimentos e o atendimento das necessidades básicas de aprendizagem (Bicalho; Neto; Oliveira, 2023)

Na perspectiva do aluno, ter que se adaptar ao trabalho escolar também se torna um problema, as disciplinas que compõem o currículo e até mesmo a formação, orientação e gestão dos alunos geram desconforto aos alunos que frequentam a EJA pela falta de compreensão das diferenças destes Essa situação só aumenta as desigualdades educativas e sociais, quando o que se deve fazer é lutar contra essas distinções.

Os jovens que frequentam a EJA são aqueles que estão acima da idade de estudar na escola no período da manhã e da tarde. Esses “atrasos”, muitas vezes, são decorrentes de reprovações e faltas frequentes na escola, e são excluídos das escolas básicas, onde muitos deles são frustrados com a quantidade de “tempo perdido”, por isso procuram o horário noturno para estudar, tentando encobrir as falhas que ocorrem durante o dia escolar (Melo *et al.*, 2018)

O Censo escolar em 2024, destacou fragilidade da política educacional de jovens e adultos, onde existem mais de 68 milhões de pessoas no Brasil com mais de 18 anos que não estão na escola, nem completam o ensino básico. As matrículas na EJA diminuíram nos últimos anos, s dados mostram que as matrículas na EJA caíram quase 1 milhão de estudantes de 2018 para 2023, uma queda de cerca de 20%, uma mudança comum nos modelos de ensino fundamental e médio.

Portanto, é importante mencionar a exclusão vivida por esses jovens. É óbvio que as instituições escolares, assim como a educação em geral, vivenciam retrocessos. Infelizmente, esta situação é comum em algumas instituições, mas reverter esta situação não é impossível, com base em profissionais e programas educacionais para descobrir alternativas e, o mais importante, praticá-las.

A Constituição Federal de 1988 estendeu o direito à educação básica a cidadãos de todas as idades, o que estabeleceu a necessidade de ampliar as oportunidades educacionais para aqueles que ultrapassaram a idade da educação formal. Além da

extensão, a qualificação docente em programas de educação de jovens e adultos também é um requisito para a justiça social, para que a expansão das oportunidades educacionais não se torne uma fantasia e a escolaridade noturna para milhares de cidadãos não seja vista como mais uma falha na experiência e na exclusão. (Ribeiro; Nunes, 2008, p. 16).

Contudo, é necessário repensar o papel dos professores como formadores dos discente, compreender o verdadeiro valor das escolas como instituições educativas, a realidade e as condições de vida de cada aluno, e assim examinar as suas próprias práticas enquanto aluno, mantendo sempre uma postura docente -relação aluno, para entender os papéis sociais que esses alunos assumirão e o compromisso de cada educador em criar um modelo social capaz de provocar mudanças sociais.

### **Educação de jovens e Adultos e Educação do Campo**

A história da Educação no Campo (EC) se fundamenta nas lutas dos trabalhadores rurais por uma política pública que ampare o desenvolvimento de uma educação digna no campo, pois a população tem direito a receber uma educação de qualidade onde vivem, pensada a partir de suas características e elaborada com a participação dos camponeses, construída considerando as especificidades desses sujeitos do campo, buscando a valorização da identidade e da realidade em que cada indivíduo vive (Martins, 2018)

AEC não é uma continuidade da Educação Rural (ER) esses dois projetos de educação são essencialmente diferentes, uma vez que a educação do campo tem o campo e seus sujeitos como referência na elaboração das propostas pedagógicas, com vistas ao fortalecimento dos modos de vida nesse espaço e a preservação do meio ambiente. A educação rural, por outro lado, segue um padrão de referência urbano, distante dos modos de vida dos sujeitos do campos.

Podemos afirmar que a ER era uma extensão das escolas urbanas. No Brasil, o mesmo modelo de educação ofertada nos espaços urbanos também era ministrado nos espaços rurais, mas com algumas contradições, as escolas localizadas nos espaços rurais não recebiam do estado a mesma atenção das instituições urbanas, e isso se tornava uns dos fatores que contribuíam para o êxodo rural. Essas escolas não possuíam estrutura adequada, além de possuírem um déficit em relação ao quadro de professores.

Já na EC os alunos e alunas são protagonistas do processo educacional, a educação é feita por eles (as) e com eles (as), ao contrário da ER onde a classe trabalhadora é vista como subalternos diante do capitalismo. A EC trouxe uma nova visão sobre a população campesina

que até então era vista como povos subdesenvolvidos com uma cultura inferior em relação à cultura urbana (Molina, 2017)

Arroyo (2014) reflete que toda pedagogia que não busque ultrapassar essas ideias inferiorizantes sobre os diferentes que estão enraizadas na história política, cultural e pedagógica de nosso país, são antipedagógicas. Ou seja, estão apenas contribuindo para o processo de subalternização de uma classe em favor da outra.

Nesse sentido, os movimentos sociais têm contribuído para repensarmos sobre esses processos de desumanização na qual foram submetidos às classes populares. Os movimentos em suas inúmeras ações têm buscando reconfigurar os sistemas educacionais que mais excluem do que acolhem os "diferentes", trazendo uma nova perspectiva para os homens e mulheres do campo por meio de uma educação que valorize o conhecimento socialmente construído por esses coletivos. E é dentro dessa lógica que surge a EC, ela é uma nova concepção sobre a educação para os camponeses, é resultado da luta dos trabalhadores por uma educação de qualidade social, o inverso da visão do camponês como sujeitos atrasados.

À medida que essas mudanças ocorrem no Brasil, é necessária a implementação de políticas que abranjam todo o território nacional para poder oferecer serviços da EJA que são menos favorecidos e necessitados de apoio. Porém, para esses alunos excluídos do sistema de ensino semelhante à formação profissional, a alternativa é o movimento de alfabetização desenvolvido na última década (Antonio; Lucini, 2007).

Em 1947, por iniciativa do Ministério da Educação e do Ministério da Educação, foi lançada a primeira campanha educativa para jovens e adultos, que, além de instituir o ensino complementar, tinha como objetivo promover o acesso à cultura e à alfabetização dos brasileiros nas áreas urbanas e rurais, buscando assim se atuássemos contra o desconhecimento das massas e a produção econômica da escassez, os profissionais que atuam na educação de jovens e adultos seriam considerados voluntários e não necessitariam de formação profissional específica (Fonseca; Bierhalz, 2016)

Em 1950, mais da metade da população brasileira com mais de 18 anos era analfabeta. Com base nessa situação, a UNESCO decidiu desenvolver programas para ajudar a educar essas pessoas que precisavam aprender a ler. Entre outras coisas, reconheceu-se que esses programas teve impacto negativo sobre os jovens e a importância da educação de adultos, para que, além de formular políticas públicas que atendam à classe popular, a alfabetização seja vista como fator fundamental na formação de cidadãos (Arroyo, 2014).

**Seminário Gepraxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 20, p. 3382 - 3395, maio, 2024.

As atividades do Estado para atender às necessidades das classes populares, especialmente das populações rurais, têm um histórico de negação da cobertura de eventos, exclusão social e desrespeito às realidades e necessidades desses grupos sociais rurais. Na maioria dos casos, a educação que estas pessoas recebem, é apenas uma extensão da educação escolar urbana e o conteúdo ensinado é inconsistente com a cultura e as crenças rurais, distorcendo assim a sua identidade.

Desta forma, surgiu o Programa Nacional de Educação para a Reforma Agrária (PRONERA) que defende a educação do campo para que essas pessoas recebam uma educação de qualidade que atenda às suas necessidades, baseada na sua formação histórica e cultural e na sua experiência, como uma educação que começa no campo. Conforme relatado por (Vargas, 2004 p. 26): “Não: As pessoas têm direito à educação onde vivem; Faça: As pessoas têm direito a uma educação adaptada às condições locais e com a sua participação” Suas lutas, suas culturas e suas necessidades humanas e sociais estão conectadas”.

Segundo esse conceito de Vargas (2014, p. 30) sujeitos de resistência dentro e a partir do campo, são sujeitos que lutam para continuarem a ser camponeses apesar de um modelo agrário cada vez mais excludente; sujeitos de lutas agrárias e pela terra.

As intervenções na educação rural baseiam-se na necessidade de interligar as lutas enfrentadas por essas pessoas ao longo do tempo, a fim de buscar melhorias na educação, na saúde, na segurança, no emprego, ou seja, no aumento da qualidade de vida. Criado pensando nas necessidades e estilo de vida de cada pessoa, respeitando sua cultura e crenças. Os camponeses são trabalhadores migrantes que trazem consigo uma cultura camponesa, e muitos vivem em campos ou assentamentos, lutando por direitos justos e iguais (Pereira, 2018).

Portanto, a EJA deve levar em consideração essas particularidades para superar essas ideias da educação e as barreiras existentes na prática docente para atender às necessidades desses alunos, pois quando analisamos sob uma perspectiva essencialista, há um período de melhor aprendizagem, pois é na infância que é mais fácil física, racional, moral e socialmente, enquanto na vida adulta esse processo acaba, por isso os adultos e idosos na EJA apresentam tantas dificuldades e necessitam de atenção redobrada, para que possam aprender gradativamente.

Por outro lado, a visão pragmática é caracterizada pela visão de que a educação de adultos é desnecessária porque, nesta perspectiva, por não terem aprendido (alfabetizados), não têm expectativas em relação aos adultos que estudaram. No futuro, não há necessidade de ser

alfabetizado.

Ao centrar-se na escolarização que não ocorreu ou foi interrompida no passado, o paradigma compensatório acaba por criar barreiras à aprendizagem nas escolas infantis e juvenis, ao encerrar as escolas juvenis e de adultos dentro dos rígidos currículos, métodos, referências temporais e espaciais das escolas infantis e juvenis. A flexibilidade na organização escolar é necessária para atender às especificidades desse grupo sociocultural (Almeida *et al.*, 2021)

O método de reconstrução do conhecimento, especialmente para os estudantes camponeses, exige a compreensão da relação do sujeito com a terra, onde vive, através de seus momentos de luta, busca o sustento para si e sua família, busca reconhecimento, mas que, portanto, deve ser combinado com a vida camponesa. Na prática, um sistema de ensino adequado à vida dos agricultores deve ser estabelecido com base nos antecedentes históricos, culturais, étnicos e religiosos dos agricultores, para promover a formação das qualidades culturais dos agricultores. O ser humano como sujeito crítico, pensante e formador de opinião (Borges; Lima, 2017)

Os sujeitos sociais do campo são identificados como agricultores, pescadores, assalariados rurais, posseiros, caiçaras, caboclos, arrendatários, acampados, assentados, pequenos proprietários, povos das florestas, etnias indígenas, quilombolas, pescadores, ribeirinhos, dentre outros. A EC busca ensinar a estes povos, esses sujeitos que trabalham e vivem no campo, para que se empoderem e assumam a condição de protagonistas de seus destinos. Estes grupos que vivem no campo compõem grande parte da população brasileira, cada um desses grupos possuem relações sociais específicas que compõem a sua identidade.

Esse projeto de educação apresentado pelos trabalhadores do campo encontra consonância na Pedagogia de Paulo Freire (2020) afirma que nenhuma educação que busque a liberdade não pode se distanciar dos oprimidos, fazer deles sujeitos desumanizados, passíveis de humanização, moldáveis aos padrões dos opressores, os oprimidos é que devem ser sujeitos de sua própria educação.

A luta por uma educação do e no campo estreita as reivindicações por educação à luta por melhores condições de vida no campo. A escola no campo requer um projeto pedagógico que colabore para o desenvolvimento pleno da comunidade escolar, uma escola que compreenda que os indivíduos se humanizam ou se desumanizam em razão das condições que lhes são impostas (Almeida *et al.*, 2021)

**Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 20, p. 3382 - 3395, maio, 2024.

Nesse aspecto, o espaço escolar deve ser um lugar de reflexão da história e da realidade desses grupos, as instituições escolares além de serem um espaço de aprendizagem formal, devem ser também um espaço de emancipação dos sujeitos

### **Considerações Finais**

A escola do campo é um lugar de transformação para a comunidade, um espaço onde os espaços urbanos os consideravam atrasados, não humanos, dando início a luta por seus direitos, a terem acesso a uma educação para liberdade, se identificam como pessoas detentoras de direitos por uma vida digna.

Esse projeto de educação apresentado pelos trabalhadores do campo encontra consonância como já foi dito, na Pedagogia de Paulo Freire (2020). Esse autor afirma que nenhuma educação que busque a liberdade não pode se distanciar dos oprimidos, fazer deles sujeitos desumanizados, passíveis de humanização, moldáveis aos padrões dos opressores, os oprimidos é que devem ser sujeitos de sua própria educação.

Ao passo que a população do campo exige ser reconhecida como sujeitos políticos protagonistas de sua história de libertação, exigem também um novo modelo de educação, onde há qualidade no ensino, consistindo na formação certificada que oferece as ferramentas mais eficientes para adquirir os conhecimentos.

A EC compreende o espaço rural como um lugar de desenvolvimento, como um espaço de tensões políticas e sociais que devem ser levadas para o seio das escolas do campo. A EC traz na sua essência a organização dos movimentos sociais que fortalecem a luta por um campo com uma educação de qualidade social que trabalhe na construção de uma formação que valorize a identidade da população camponesa.

Globalmente, os resultados destes estudos sugerem-nos que dado que o mercado profissional atual procura mais pessoas com habilitações acadêmicas mais elevadas do que antes, seja no ensino secundário, técnico ou superior, pois o ensino primário por si só é não é suficiente, por isso este modelo deve ter recursos e atenção satisfatórios para satisfazer as necessidades do público que precisa desesperadamente de apoio e incentivos para prosseguir a educação e uma carreira na educação.

A atuação no campo exige professores (as) que sejam também capazes de entender criticamente esses processos sociais que acontecem no campo e sobre eles intervir, cooperando para uma formação crítica dos sujeitos, uma formação que vá além da formação para o mercado

de trabalho, que também possa promover uma formação que concorra para a superação paradigmática imposta pela sociedade capitalista conforme orienta a matriz formativa da EC.

concluiu-se que a EJA, vista como modalidade de ensino, faz parte da Educação do Campo e ambas foram objetos de muitos debates e enfrentamentos entre os movimentos sociais, intelectuais e camponeses para garantir uma educação de qualidade e uma implementação com pressupostos teóricos e epistemológicos voltados para a emancipação humana e a transformação social. Dado que este estudo foi realizado e refletido, plenamente considerada a importância da investigação na área da Educação de Jovens e Adultos e de novas pesquisas sobre a temática, para que não se esgotem possibilidades para discutir sobre o tema.

## Referências

ALMEIDA, A. et al. Educação do campo: relato de análise de fatores que interferem no processo de ensino e aprendizagem na escola Florestan Fernandes no município de Arataca-BA. **Brazilian Journal of Development**, 7(9), 9269992726, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n9-438>Bardin, L. (1977). Acesso em: 30 mar 2024

ARIOSI, Cinthia Magda Fernandes; MIGUEL, José Carlos. **A formação do leitor na Educação de Jovens e Adultos e na Educação do Campo: desafios da formação docente**. Cadernos de Pesquisa em Educação, n. 44, 2016.

ANTONIO, Clésio Acilíno.; LUCINI, Marizete. **Ensinar e aprender na educação do campo: processos históricos e pedagógicos em relação**. Educação do campo, cadernos do Cedes/Centro de Estudos Educação Sociedade - Vol.27, n.72 (2007) - São Paulo; Cortez; Campinas, CEDES, 2007.

ARROYO, Miguel. González. **Outros Sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: RJ. Vozes, 2014.

BICALHO, R.; NETO, P. J. A.; OLIVEIRA, L. M. T. de. **Práticas pedagógicas na educação básica: interfaces entre educação do campo e EJA**. Revista ComCiência, uma Revista multidisciplinar, [S. l.], v. 8, n. 11, p. 110–127, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/comciencia/article/view/19263>. Acesso em: 31 mar. 2024.

BORGES, T. et al. **O educar pela pesquisa como alternativa pedagógica para o ensino de ciências na educação de jovens e adultos**. Experiências em Ensino de Ciências, 12(5),157-176, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31012/978-65-5861-292-6> Acesso em: 23 mar 2024

CUNHA, R. Et al. **O ensino de ciências na EJA e a aplicação de uma proposta de metodologia ativa**. Ressorce, Oscite and. Development, 9(9),1-17, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8278>. Acesso em: 31 mar 2024.

**Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 20, p. 3382 - 3395, maio, 2024.

DE OLIVEIRA, Edna Castro; BARBOSA FILHO, Custódio Jovêncio. **Educação de jovens e adultos e educação do campo: políticas públicas e os sentidos do direito à educação.** Revista Inter Ação, v. 36, n. 2, p. 413-432, 2011.

DOTTA, Carla Luz Salaibb; SILVA, Cintia Melo. **Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação do Campo: Políticas Públicas e Práticas Pedagógicas.** Salão de Extensão (16.: 2015: Porto Alegre, RS). Caderno de resumos. Porto Alegre: UFRGS/PROEXT, 2015., 2015.

FELICIANO, Marques Stefani; DE MELLO, Roseli Rodrigues; PEREIRA, Kelci Anne. **Educação do campo e EJA do campo. Conquistas dos movimentos sociais e desafios.** Universidade Federal de São Carlos, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

JUNIOR, D. P. F., & CONSTANTINO, L. V. **O ensino de ciências e a educação de jovens e adultos: um relato sobre a prática pedagógica de uma professora.** Ressorce, Oscite na dDevelopment, 9(9),1-21, 2020.

MARTINS, Andreia. **Educação de Jovens e Adultos do Campo: Desafios e Expectativas para um Curso de Formação de Professores em Floriano/PT.** In: Congresso Nacional de Educação - V CONEDU, 2018, Olinda/Pernambuco. Anais do V CONEDU... Campina Grande/PB: REALIZE, 2018. v. 1, p. 1-6. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/anais.php>. Acesso em: 29 mar 2024

3394

MELO, Conceição Coutinho; WAQUIL, Paulo Dabdab. **O Curso Técnico em Cooperativismo realizado pelo PRONERA: uma análise baseada na Abordagem das Capacitações.** Revista Brasileira de Educação do Campo, v.3, n. 1, p. 126-152, jan-abril, ISSN: 2525-4863, Tocantinópolis: UFT, 2018.

MOLINA, Mônica Castagna. **Contribuições das licenciaturas em Educação do Campo para as políticas de formação de Educadores.** Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº 140, p. 587-609, jul-set, 2017.

PEREIRA, Jacqueline Mary Monteiro. **A experiência como princípio formativo nas trajetórias de professoras e professores da educação de jovens e adultos-(EJA): memórias de formação docente-2018.** 277f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

RIBEIRO, J. C. de O. A.; NUNES, C. P. **Formação de professores no contexto neoliberal.** Colloquium Humanarum. ISSN: 1809-8207, [S. 1.], v. 15, n. 4, p. 57-71, 2018. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/2458>. Acesso em: 30 mar 2024

RODRIGUES, Iêda Ribeiro; DE VASCONCELOS BENTES, Haroldo. **Educação do Campo adaptando métodos pedagógicos: proposta para EJA sem evasão nas comunidades** Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 9, n. 20, p. 3382 - 3395, maio, 2024.

quilombolas. Revista Brasileira de Educação do Campo, v. 3, n. 2, p. 451-472, 2018..

SIMÕES, Marta da Silva; ROCHA, Emerson Antônio. **A importância das estratégias didáticas no ensino-aprendizagem de Ciências na Educação de Jovens e Adultos e na Educação do Campo.** Revista Brasileira de Educação do Campo, [S. l.], v. 8, p. e14693, 2023. DOI: 10.20873/uft.rbec.e14693. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/14693>. Acesso em: 31 mar. 2024.

VARGAS, M.. **Uma história em construção:** EJA no campo. Educação de Jovens e Adultos: continuar... e aprender por toda a vida. Boletim, 20-29 set. 2004. Disponível em: [http://www.cereja.org.br/arquivos\\_upload/saltofuturo\\_eja\\_set2004\\_progr4.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/saltofuturo_eja_set2004_progr4.pdf). Acesso em: 31 mar 2024



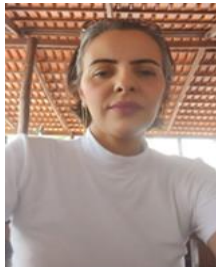
Marta Cristina Rodrigues Pereira

Professora, graduada em Licenciatura em Biologia e Educação Física, Pós graduada em Ensino de Biologia; em Educação Ambiental e Tecnologias Educacionais, Coordenadora da APLB (NÚCLEO CACULÉ), vice diretora da (EMCRT) membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação do Campo, Agroecologia, Trabalho e Educação Ambiental- GEPECATEA e e Mestranda do PPGELS -CAMPUS VI

Email: [martarodrigues\\_vg@hotmail.com](mailto:martarodrigues_vg@hotmail.com)

Lattes <https://lattes.cnpq.br/6758193058692456>

Orcid: 0009-0002-5850-4634



Edna Sousa Moreira

Doutora em Educação Conhecimento e Inclusão Social pela UFMG, professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia Campus XVII e do Programa de Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade-PPGELS do Campus VI da UNEB, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação do Campo, Agroecologia, Trabalho e Educação Ambiental- GEPECATEA .

Email: [esmoreira@uneb.br](mailto:esmoreira@uneb.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4589518670460111>

Orcid: 0000-0003-1559-0392